



Dor de mãe. Uma palestina (à esquerda) e uma orsaense choram as mortes de seus filhos, um adolescente de 16 anos morto em confronto com militares de Israel na Cisjordânia, e um soldado morto em operações contra o Hamas em Gaza

Gaza: ataque do Hamas mata 21 soldados de Israel

Militares foram soterrados em dois prédios que desabaram com detonação de explosivos que instalavam, causada por granadas que atingiram tanque da escolta; outros 3 morreram em episódio separado, no dia mais letal para país na guerra

DIÁRIO DE JERUSALÉM

As Forças Armadas de Israel anunciaram que a segunda-feira foi o dia com o maior número de mortes em suas tropas em Gaza desde o início da ofensiva terrestre contra o enclave palestino, no final de outubro. Segundo as autoridades israelenses, 24 soldados morreram, sendo 21 em um mesmo incidente. Ao todo, 219 militares morreram desde o início da operação terrestre em 27 de outubro, indicam os jornais Times e Israel.

O incidente mais grave do dia e de todo o conflito para o lado israelense ocorreu a menos de 600 metros da divisa entre Gaza e Israel no campo de refugiados de Maghari. Soldados estavam instalando explosivos em dois edifícios que seriam demolidos quando combatentes do Hamas dispararam granadas lançadas por foguetes (RPG) contra um tanque que fazia a segurança do local e contra os prédios.

Um dos projéteis fez com que os explosivos levados pelos soldados fossem detonados, botando os dois prédios abaixo e soterrando os milita-

res. O porta-voz militar Daniel Hagari afirmou que os 21 soldados foram resgatados e trabalhavam na demolição de edifícios e outras infraestruturas perto da fronteira entre Israel e Gaza. Dos 21 mortos, 19 morreram no desabamento, e dois estavam dentro do tanque atingido por uma granada.

CRITICAM ISRAEL

Hagari afirmou que os prédios seriam demolidos por estarem localizados em uma zona-tampão de um quilômetro de largura que Israel pretende estabelecer como área de segurança ao longo da fronteira para evitar futuros ataques. Desde o início da guerra, lideranças palestinas e ativistas de direitos humanos vêm apontando para o que seria uma política ampla de demolição de estruturas no enclave. Os EUA já alertaram contra qualquer tentativa de diminuir o território de Gaza e, ontem, o secretário de Estado, Antony Blinken, voltou a manifestar sua oposição.

Em outro incidente, no sul de Gaza, três militares morreram em um ataque também na segunda-feira, de acordo

com o Ministério da Defesa de Israel. O presidente Isaac Herzog lamentou a morte dos soldados em uma publicação nas redes sociais, dizendo que a notícia das mortes trouxe "uma mancha insuperavelmente difícil", tem similar ao usado por Netanyahu, que, no entanto, prometeu levar a guerra adiante até o objetivo que estabeleceu de destruir completamente o Hamas.

"Ontem [segunda-feira] vivemos um dos dias mais difíceis desde o início da guerra", escreveu o premier no X (antigo Twitter). "Devemos tirar as lições necessárias e fazer tudo para preservar a vida dos nossos guerreiros. Em nome dos

nossos heróis, pelo bem das nossas vidas, não deixaremos de lutar até a vitória absoluta."

A morte dos militares ocorreu em um momento em que Netanyahu é alvo de forte contestação interna. Parentes dos mais de 100 reféns mantidos pelo Hamas e seus aliados em Gaza invadiram uma reunião da Comissão de Finanças do Parlamento na segunda-feira para exigir que o governo negocie sua libertação antes que seja tarde demais.

— Vocês ficam sentados aqui enquanto nossos filhos morrem lá — gritou Gilad Korgold, pai de um refém.

Netanyahu tem se mostrado resistente em interromper

a atividade militar contra o enclave palestino mesmo que, dentro de seu próprio Gabinete, haja defensores da trégua para resgatar os reféns. No domingo, o premier disse que não diminuiria a atividade de militar, mas com a pressão crescente, é incerto se ele conseguirá prevalecer.

NETANYAHU EM BAIXA

Analistas mais críticos associam a obstinação do premier em levar a guerra adiante à necessidade de agradar à extrema direita — que compõe o Gabinete e lhe dá vital suporte político — e à sua própria sobrevivência política, uma vez que ele enfrenta processos na Justiça que podem levá-lo à cadeia.

Essa visão é corroborada por boa parte dos israelenses: uma pesquisa do Canal 13, divulgada domingo, aponta que 53% dos entrevistados dizem que os interesses pessoais do premier são os principais fatores levados em consideração na hora de tomar decisões sobre a guerra. Para 33%, Netanyahu está agindo "para o bem do país". A mesma pesquisa revela que Benny Gantz, rival do pre-

mier e que integra o Gabinete de guerra, venceria as eleições se elas fossem realizadas hoje.

Em meio à pressão, fontes israelenses ouvidas pelo site americano Axios afirmaram que Israel teria proposto ao Hamas uma pausa de dois meses nos combates em troca da libertação de todos os reféns. A proposta não implicaria o fim da guerra, mas, sim, um segundo cessar-fogo após um primeiro temporário que permitiu o retorno de 120 reféns em novembro. Fontes ligadas ao Hamas afirmaram à agência Associated Press que o grupo rejeitou o plano e reiterou que qualquer proposta do tipo deve estabelecer a retirada militar de Israel de Gaza e a libertação de todos os prisioneiros palestinos.

Em Gaza, o Exército de Israel disse ontem ter cercado e feito ataques na área de Khan Younis, a segunda maior do enclave, no sul, designada entes como área segura para os palestinos intimados a fugir do norte. Segundo o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, o número de mortos no enclave já chega a 25.490. (Com NYT e AFP)

MORTES DE MILITARES DE ISRAEL EM GAZA

Mais de 40% das baixas ocorreram após início de invasão terrestre



Tratamento de palestinos presos gera denúncias

Relatos de espancamentos, maus-tratos e desaparecimentos levam Cruz Vermelha e ONU a alertarem contra abusos; Israel nega

KAJA ABDULRAHMAN
Do New York Times

Quase nu e no frio, Ayman Lubad estava cercado por soldados israelenses com fuzis de assalto M16 quando se ajoelhou entre dezenas de homens e meninos palestinos que haviam sido expulsos de suas casas em Gaza. Era início de dezembro, e imagens da época o mostravam, juntamente com os outros detentos, só com roupas íntimas e enfileirados. A cena não é isolada. Presos palestinos têm sido despidos, espancados, interrogados e mantidos incomunicáveis nos últimos três meses, segundo relatos de dezenas de detentos ou seus parentes ao New York Times.

Organizações que represen-

tam os detentos também denunciam depoimentos semelhantes e acusaram Israel de prender civis indiscriminadamente. Desde o ataque liderado pelo Hamas em 7 de outubro, forças israelenses que invadiram Gaza têm prendido milhares de homens, mulheres e menores. Alguns foram ordenados a sair de suas casas e detidos; outros, capturados enquanto fugiam a pé de seus bairros com suas famílias, tentando alcançar áreas mais seguras depois de Israel ordenar sua retirada.

Imagens registradas por jornalistas do enclave mostram detentos soltos recentemente sendo tratados em hospitais. A pelo ao redor dos pulsos aparecem com cortes profundos por causa de algemas ou cordas de contenção mantidas às vezes por semanas. Na última sexta-

feira, o Escritório de Direitos Humanos das Nações Unidas disse que o tratamento de israelenses detidos em Gaza poderia configurar tortura.

Uma organização estimou que milhares ficaram detidos em condições "horíveis", às vezes

Desde 7 de outubro, Israel já prendeu milhares de homens, mulheres e menores

sem nenhuma roupa, apenas com fraldas. Ao Times, o Exército israelense afirmou que detém suspeitos de envolvimento em atividades terroristas e liberta os que passam na verificação. afirmou que as autoridades de Israel tratam os

detentos segundo o direito internacional e defendeu o ato de obrigar homens e menores a se despirem, afirmando que isso é feito para "garantir que não estão escondendo coletes explosivos ou outras armas".

Defensores dos direitos humanos, porém, afirmam que a detenção e o tratamento humilhante de palestinos por Israel no enclave podem violar as leis internacionais de guerra. "Desde o início do bombardeio israelense e da invasão terrestre em Gaza, o Exército israelense prendeu centenas de palestinos de maneira bárbara e sem precedentes e publicou fotos e vídeos mostrando o tratamento desumano dos detentos", afirmou um relatório recente de grupos de direitos palestinos, incluindo a Comissão de Prisioneiros Pa-

lestinos e a Adhameer.

Hisham Mhanna, porta-voz do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, disse que a organização diariamente recebe relatos de famílias em Gaza sobre parentes que foram presos. Hoje, a instituição lida com 4 mil casos de palestinos que desapareceram. Destes, é estimado que pelo menos metade tenha sido detida por Israel.

PARCEIROS DE TERRORISMO

Antes da guerra, estimava-se que o Hamas tivesse de 20 mil a 40 mil combatentes, conforme analistas americanos, em uma população de 2,3 milhões de pessoas no enclave. Durante o primeiro mês da guerra, Israel alertou que aqueles que não fugiram de áreas sob ordens de retirada "podem ser considerados parceiros de

uma organização terrorista". Em dezembro, o país passou a deter "homens em idade militar" nessas áreas, segundo um porta-voz do governo de Israel.

Para Brian Finucane, analista do centro de estudos internacionais Crisis Group e ex-conselheiro jurídico do Departamento de Estado dos EUA, a presunção de que homens em idade militar são membros do Hamas é "preocupante". Ele ressaltou que o direito internacional estabelece um "padrão muito elevado" para detenção de não combatentes e exige que sejam "tratados de maneira humana". Já Francesca Albanese, relatora especial da ONU, afirmou que considerar civis que não cumpriram ordens de retirada cúmplices do terrorismo pode constituir limpeza étnica.

Fotos e vídeos feitos por soldados e jornalistas israelenses mostraram palestinos com as mãos amarradas atrás das costas, algumas vezes vendados e de roupas íntimas, ajoelhados ao ar livre no inverno.